

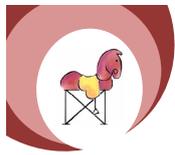
INDÍGENAS AKWĒ-XERENTE: territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer

INDIGENOUS AKWĒ-XERENTE: territoriality, otherness, temporality, sustainability and leisure

Khellen Cristina Pires C. Soares
Inst. Federal de Educ. Ciênc. e Tecno. do Tocantins - IFTO
khellencristina@gmail.com
José Alfredo Oliveira Debortoli
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
dbortoli@effto.ufmg.br

Resumo

O território indígena e sua temporalidade traz especificidades que são constituídas a partir de experiências, vivências, sentidos e significados elaborados na vida cotidiana individual e coletiva. Partindo destas ideias o objetivo da pesquisa foi relacionar as práticas culturais do povo AkwĒ-Xerente e o campo de Estudos do Lazer. Investiguei as experiências culturais que se revelam como modo de vida e como processo de constituição da alteridade do povo. A ênfase nos estudos do lazer se explicita a partir do foco na ludicidade das experiências culturais do povo AkwĒ-Xerente. O estudo foi realizado combinando as pesquisas bibliográfica e pesquisa de campo, com observação, entrevista e registros no caderno de campo. A fundamentação no debate antropológico orientou a prática etnográfica por meio do "olhar de perto e de dentro". Analisei o habitar dos indígenas, revelando como vivenciam o tempo e espaço da aldeia, suas relações com as obrigações, lazer e cultura. Constatei um complexo de práticas culturais do povo AkwĒ-Xerente, como o banho no rio; a realização da Dasipê, com ênfase na corrida de tora; a festa de aniversário da aldeia, que tem o futebol como centralidade; a partir da identificação do envolvimento cultural. Portanto, entendo essas manifestações como práticas culturais de lazer que se revelam como modo de vida e de formação da alteridade e fazem parte da vida cotidiana, constituindo-se como força geradora que define a cultura deste povo.



Palavras-chave: Indígenas, Práticas Culturais de Lazer

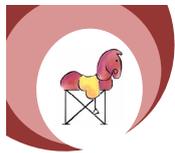
ABSTRACT

The indigenous territory and its temporality brings specificities that are built from experiences, existence, senses and meanings elaborated in daily individual and collective life. Starting from these ideas, the aim of this research was to relate the cultural practices of the Akwẽ-Xerente citizenry and the study and leisure area. I investigated the cultural experiences that reveal themselves as a life style and as a process of constitutions from this people's otherness. The emphasis on studies of leisure is explicit from the focus on the playfulness of the cultural experiences of the Akwẽ-Xerente people. The study was realized combining bibliographic researches and field research, with observation, interviews, and registers on field notebook. The ground on the anthropological debate guided the ethnographic practice through the "close and inward look". I analyzed the indigenous habitation, revealing how they live time and space in their village, your relation with the obligations, leisure and culture. Noticed a cultural complex of practices from the Akwẽ-Xerente citizenry, as the shower on the river, the realization of "Dasipê" with emphasis on the logging race; The birthday party of the village, which has football as its centrality; from the identification of cultural involvement. Therefore, I understand these manifestations as cultural practices of leisure that reveal themselves as a way of life and formation of the otherness and they are part of the daily life becoming the generating force that defines the culture of this people.

Keywords: Indigenous, Cultural Practices of Leisure

Introdução

A história dos indígenas no Brasil vem sendo contada e recontada ao longo dos tempos, com algumas variações em datas, acontecimentos e, por certo, a partir do olhar, contato e experiências com esses grupos.



Sobre a presença indígena na história, Cunha (2012) observa que não se sabe muito acerca da história indígena e ressalta que dados como origem e as cifras de população são seguras. É importante reconhecer que na atualidade há clareza do que realmente não temos conhecimento. As etnografias realizadas, apresentam modos de vidas específicos, que nos auxiliam a compreender parte do universo dos indígenas, porém não refletem as particularidades do todo, presentes na vida cotidiana dos 220 povos indígenas que habitam o Brasil.

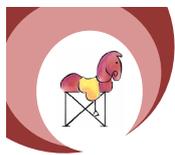
O povo Xerente é caracterizado pelo dualismo¹ que marca os aspectos sociais e cosmológicos, por meio da divisão em metades. Nimuendajú, na década de 1940, os destaca como uma sociedade peculiar por apresentar: metades exógamas matrilineares, clãs patrilineares divididos em metades, sistema de descendência paralela, princípios de nominação e classes de idades. Os estudos de Barroso (2009, p. 41) nos possibilitam entender que:

A sociedade divide-se em duas metades, definidas pelo povo como metade do sol e metade da lua. A metade do norte chama Sadakrâ associada à lua, e a metade sul Siptato, associado ao sol. De um lado está o sol e do outro, a lua. Assim, poderiam ser localizados os clãs na estrutura física da formação da aldeia, que corresponde ao desenho de uma ferradura onde as casas estão dispostas com uma única entrada e uma mesma saída aberta para o lado oeste. As duas metades compõem seis clãs. É importante ressaltar que para os Xerente, os clãs são chamados de "partidos".

A vida do povo Xerente, autodenominados Akwẽ², é contada a partir dos estudiosos que se embrenharam no

¹ A sociedade Xerente organiza-se através de um dualismo estrutural, que tem como base a divisão sociocosmológica nas metades *Doí* e *Wahirê*, associadas respectivamente ao sol e a lua.

² A autodenominação Xerente aparece na literatura de viajantes e etnólogos com diferentes grafias (*Acuen* e *Akwen* por exemplo). Nessa tese assumo a grafia Akwẽ, pois é dessa forma que os próprios Xerente, atualmente, grafam sua autodenominação.



universo indígena, trazando informações e dados do modo de vida, língua, organização política e territorial deste povo. A pintura corporal, com traços e círculos, marca a divisão dos clãs, e somente é realizada em momentos festivos ou ocasiões especiais e de rituais, quando, por exemplo, a aldeia recebe um grupo de visitantes. A pintura corporal marca a divisão dos grupos para a corrida de tora e o futebol, distingue os pertencentes aos clãs, sendo que os círculos pequenos, médios e grandes designam, respectivamente, os membros da metade *doi* e os traços representam a metade *wahirê*. A figura 1, apresenta uma ilustração organizada por acadêmicos indígenas do Campus da UFT de Porto Nacional, do curso de História, e que possibilita conhecer a pintura corporal representada pelos clãs do povo Akwẽ- Xerente.

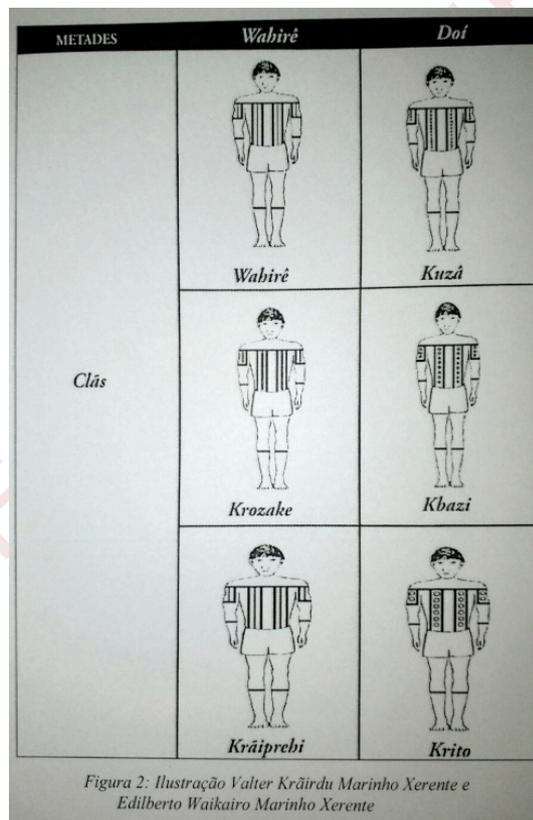
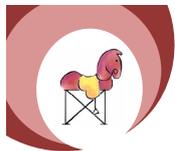


Figura 1: A pintura corporal

Fonte: LIMA, 2016, p.140

Nas ocasiões festivas e em outros momentos importantes os Xerente pintam seus corpos. Também os dois times de corrida



de tora, Steromkwã e Htamhã entre os quais os homens se dividem, possuem motivos pictóricos distintivos. (MELO, 2016, pp. 12-13).

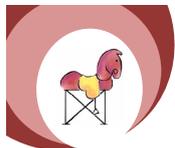
O traço e o círculo que compõem a base da pintura corporal identificam as pessoas enquanto pertencentes às metades Wahire (também denominada de *ĩsake* ou *sdakrã*) e Doí (ou *sipatató*) respectivamente. Cada uma dessas metades, por sua vez, subdivide-se em três clãs. A metade Doí inclui os clãs: *kuzã*, *kubazi* e *kritó*; e a metade Wahirê: *krozaké*, *kreprehí* e *wahirê*. Os Akwẽ não se pintam cotidianamente, apenas em ocasiões rituais. O traço e o círculo observados na pintura corporal, além de indicarem o pertencimento das pessoas às metades, diferenciam também os clãs entre si. Círculos pequenos, médios e grandes designam respectivamente os membros dos clãs *kuzã*, *kbazi* e *kritó* que compõem a metade Doí. Já o traço, é motivo pictórico distintivo da metade Wahire. A distinção dos clãs da metade wahire é feita pela disposição dos traços, que podem ser horizontais (no caso dos *krozaké*) e verticais (*wahire* e *krẽprẽhi*).

De acordo com estudos de Niemuendajú (1942) e Maybury-Lewis (1984), a história de contato do povo Akwẽ-Xerente é marcada por sua aproximação com o povo Xavante, prova dessa aproximação é que ambos pertencem ao mesmo grupo autolinguístico, autodenominado *akwẽ*, ou ainda, tronco linguístico Macro-Jê³. Estes dois grupos teriam compartilhado do mesmo espaço durante um período de suas histórias, quando então o povo Xavante migrou das margens do rio Tocantins.

Historiadores marcam o povo Akwẽ-Xerente como sociável, mas isso não lhes tira a característica de resistente, bravo e guerreiro. Em momentos da história em que não eram aceitos no Brasil, em que muitos queriam dizimá-los, transformá-los por meio da catequização, tirarem-lhes o território, eles resistiram e mantiveram sua língua e organização social, defendendo sua cultura, seu valor e potencial.

A luta pela preservação do território é uma constante na vida dos indígenas, visto que há uma eterna cobiça dos fazendeiros pelas terras, em sua maioria providas de água em abundância e solo fértil. Com o povo Akwẽ-Xerente não foi

³ Os povos da família linguística Jê são classificados, do ponto de vista geográfico, como Setentrionais (os Kayapó, os Timbira, os Suyá, os Kren-akarore ou Panará), como Centrais (os Xerente, os Xavante e os Xakriabá) e os Jê Meridionais (os Kaingang e os Xokleng).



diferente, relatos dos viajantes e estudiosos revelam que esse povo mudou de localidade por diversas vezes, tentando se resguardar das lutas com fazendeiros, garimpeiros ou mesmo representantes do governo ou da igreja.

No início dos anos 80, a luta pela posse da terra, a demarcação e as conquistas na área da saúde indígena podem ser apontados como fatores para o florescimento do povo Akwẽ-Xerente que, neste período, totalizava 850 indígenas. As marcas da história estão tatuadas na alma desse povo, que se empoderou dos seus direitos durante todo o processo, fortaleceu sua cultura, aprendeu a lidar, um pouco mais, com o não indígena e ser, por vezes, respeitado enquanto ser humano.

A criação do Estado do Tocantins trouxe novas possibilidades para os povos indígenas e maior visibilidade para sua existência e necessidades. Em meio a uma área de desenvolvimento, novidades e incentivos para a criação do novo estado brasileiro, os indígenas do antigo norte de Goiás começam a exercitar com mais domínio o que aprenderam durante os séculos de luta pela sobrevivência e fortalecimento e reconhecimento de sua cultura.

O Akwẽ-Xerente da atualidade vive entre o moderno e o tradicional, tentando decifrar as armadilhas do mundo ocidental, onde as relações de poder marcam e tencionam a vida cotidiana indígena. De acordo com os dados do IBGE (2010), a população Akwẽ-Xerente tem aumentado de forma significativa nos últimos dez anos, tendo, inclusive, conseguido garantir a vaga de duas lideranças Akwẽ-Xerente na Câmara Municipal do município de Tocantínia.

De acordo com Lima (2016, p.115),

O que se pode observar é que população Akwẽ-Xerente tem aumentado de forma significativa nos últimos dez anos. Apesar dos conflitos com fazendeiros e dos problemas socioambientais vivenciados pelos Akwẽ-Xerente, esse povo tem resistido bravamente e conseguido manter seu território. Considera-se que as políticas de assistência social, desenvolvidas no âmbito dos últimos governos no Brasil, possam ter sido elementos que contribuíram para o aumento da população Akwẽ-Xerente.

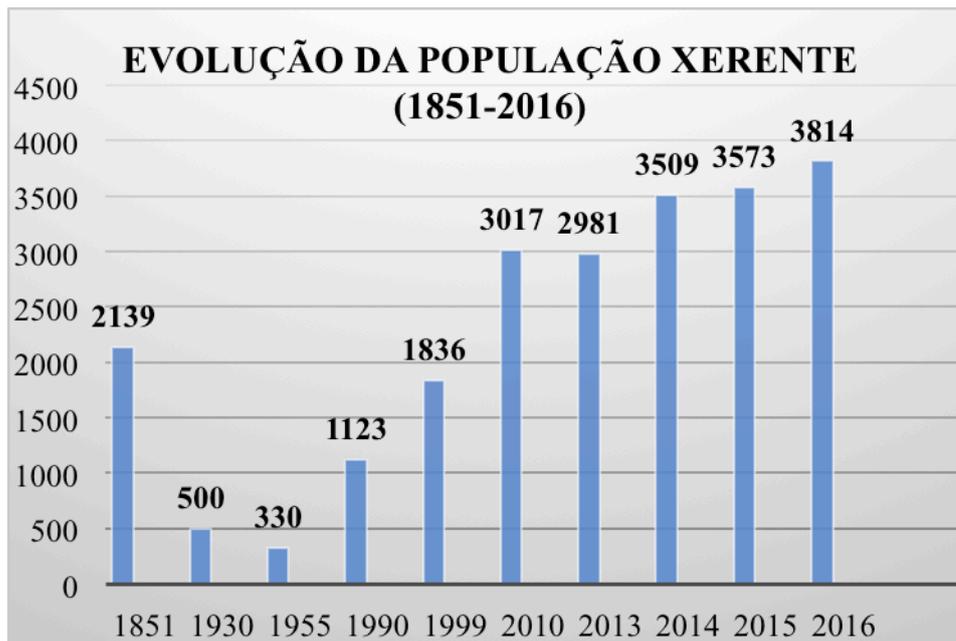
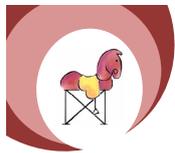
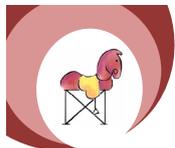


Gráfico 1 - Histórico estatístico da população Akwẽ-Xerente

Fonte: LIMA, 2016, p 175

No território indígena do Akwẽ-Xerente, hoje, há aproximadamente 70 aldeias e os clãs e suas lideranças organizam-se para administrar a manutenção ou transformação das questões sociais de cada aldeia, estabelecendo relações de poder e disputa, como é o caso das vagas de emprego da educação e saúde. Atualmente os indígenas vivem tendo como fonte de renda monetária as aposentarias e pensões, o programa Bolsa Família, os serviços públicos estaduais, federais e municipais (professores indígenas, agentes de saúde e saneamento, representantes políticos-vereadores). De acordo com Lima (2013, p. 81),

Apropriação e exploração da natureza pelo homem devem ser analisadas junto com o processo de globalização e do desenvolvimento da lógica capitalista na sociedade atual. Na verdade, os Akwẽ-Xerente têm resistido, buscado a preservação de sua organização político-cultural. Todavia, de acordo com a frequência dos relatos de indígenas, existem algumas preocupações do povo Akwẽ-Xerente. São discutidos por eles as preocupações dos anciões na permanência da tradição por meio dos contos e cânticos obtidos pela "Oralidade dos Anciões". As preocupações dos anciões



são pertinentes, afinal, as mudanças em alguns aspectos no modo de vida dos Akwẽ-Xerente é real e presente. Em síntese, os Akwẽ-Xerente vivem a dicotomia de morarem nas aldeias e terem de atuar politicamente acerca das suas demandas diante das políticas municipais, estaduais e federais.

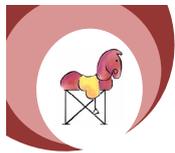
O Akwẽ-Xerente ainda tem como meio de subsistência os produtos das roças de mandioca, abóbora e milho e a venda de artesanato de capim dourado e palha de buriti. Os frutos nativos do cerrado, como cocos silvestres, bacaba, pequi, buriti, mangaba, jatobá e cajuí também contribuem para a subsistência desse povo. Oliveira-Reis (2001) ressalta que novos e crescentes desafios têm se apresentado à sociedade Xerente, na medida em que sua população aumenta, a caça e a pesca escasseiam e a fertilidade das terras decrescem. Daí as contribuições dos governos serem, na atualidade, necessárias para a sobrevivência destes povos.

Métodos

A tarefa de traçar os caminhos metodológicos deste estudo nos reporta para a análise de que, enquanto fenômeno moderno, o lazer tem seus estudos centrados nas cidades. As pesquisas neste campo concentram-se em revelar as diversas possibilidades de aprofundamento das relações entre o lazer e a modernidade. Na busca por contribuir com este campo de estudos, proponho trilhar o caminho de volta. Ou seja, voltar às populações tradicionais para verificar como estão desenvolvendo (tecendo/construindo) o seu modo de vida.

A inspiração antropológica para esta pesquisa, parte das reflexões de Ingold (2015, p. 25), que apresenta a possibilidade de "investigação constante e disciplinada das condições de vida e potenciais da vida humana", observando os sentidos de produção, o significado de história, a noção de habitar e a ideia de que a vida é vivida ao longo de linhas. Assim, a ideia deste autor é compreender o ser humano enquanto produtor de sua vida, considerando que, nesta produção, criam histórias, identificando as formas de habitar o mundo, dos seres humanos e não humanos, entendendo o caminho que cada ser trilha a partir do seu modo de vida.

Os contextos tradicionais trazem questões relevantes, que podem ser consideradas unidades de análise para poder



entender que outros *lócus* veem discutindo os contextos étnico-raciais. Nesse ínterim, a educação e as ciências sociais e humanas veem desenvolvendo estudos que fundamentam este universo.

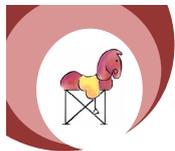
Os estudos da sociologia, da antropologia e da educação podem contribuir para o entendimento das comunidades tradicionais, mais especificamente as comunidades indígenas. Buscar nestes estudos as metodologias e análises para uma leitura que possa verificar o que acontece com a comunidade indígena que está inserida em um contexto capitalista, como ela se movimenta, se organiza e se produz no cotidiano, também se faz importante.

O estudo foi realizado mediante a combinação de pesquisas bibliográfica e de campo. Há um caminho de conhecimentos e saberes a serem descobertos e, para o desenvolvimento desse trilhar, para tanto foi realizada uma triangulação utilizando as seguintes estratégias: levantamento bibliográfico; observação participante com registros no caderno de campo e entrevistas.

Como ponto de partida, a revisão teórica, identificando trabalhos nas áreas do lazer, da educação física e da antropologia que versam sobre a relação povos indígenas e ludicidade, práticas corporais, corporalidade, esporte, lazer, identidade e corpo. Foi analisado também publicações que apresentam o que o campo de Estudos do Lazer nomeia como lazer e ainda as produções acerca do povo Akwẽ-Xerente, buscando conhecer e identificar especificidades deste povo e ainda trabalhos que trouxessem conhecimentos acerca das práticas culturais Akwẽ-Xerente.

A pesquisa procurou mapear os trabalhos publicados no Repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes): Bedoya (2010, 2012, 2014); Catib (2010); Dias (2012); Fernandez e Bedoya (2009); Leal e Leal (2012); Martins (2010) e Pires (2007) e na produção do Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer (CEDES): Almeida (2010); Grando e Passos (2010); Fassheber (2006); Ferreira (2011) e Pinto e Grando (2009), que ressaltam a ligação entre lazer e indígenas, verificando o estado da produção do conhecimento nessa temática.

Trilhando ainda o caminho da pesquisa bibliográfica, foi necessário dialogar com as produções que versam sobre antropologia e cultura: Ingold (2015); Magnani (1998, 2002);



Mauss (2003); Sahlins (1997); Velho (1996) e Wagner (2010), com o intuito de trazer contribuições para o desenvolvimento do olhar sobre o objeto de pesquisa. Essa imersão também permitiu mapear os trabalhos que já foram produzidos sobre as práticas culturais do povo Akwẽ-Xerente, sua organização política e cosmologia: Nimuendaju (1942); Maybury-Lewis (1984); Levi-Strauss (2012); Daltro (1920); De Paula (2000); Barroso (2009); Lima (2016); Melo (2016).

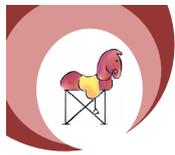
Destarte, a pesquisa de campo marca um momento relevante deste estudo, pois permitiu a aproximação com a realidade do povo, despertando curiosidades, descobertas, encantamento, incertezas e saberes. O estar perto e dentro da aldeia Salto, observando, experimentando e analisando as práticas culturais das crianças, jovens, adultos e idosos Akwẽ-Xerente, possibilitou trazer um olhar, uma interpretação enquanto investigação dos estudos do lazer.

Dentre as 71 aldeias do território indígena Akwẽ-Xerente, foi selecionada a aldeia Salto (Kripé) para desenvolver este estudo. Esta aldeia tem na atualidade 106 famílias, totalizando mais de 400 habitantes, sendo a maior aldeia Akwẽ-Xerente, como destaca o mapa abaixo. Nela há um esforço por manter as práticas culturais vivas e uma das estratégias utilizadas é a realização anual da festa tradicional, chamada Dasipê.

A perspectiva do presente estudo é a busca por uma descrição do habitar do povo Akwẽ-Xerente, por meio dos registros no caderno de campo e análise das entrevistas. A princípio, o intento era observar e entrevistar indivíduos de todas as faixas etárias, por entender que estas poderiam trazer diferentes informações acerca do objeto estudado. Ocorre que, na cultura Akwẽ-Xerente,⁴ as crianças de até seis anos falam somente a língua Akwẽ-Xerente, posteriormente vão à escola e são alfabetizadas em português.

Após um período de observação participante, foi acessado com a uma lente única um retrato do povo Akwẽ-Xerente na atualidade, com seu modo de vida que foi sendo construído historicamente de geração em geração, que faz revelar práticas culturais que denotam uma unidade entre o pensar, a natureza, o ambiente e a cultura. Esta vivência embasou a construção do

⁴ As crianças Akwẽ-Xerente aprendem somente a língua akwẽ até os seis anos de idade. Após esse período começa a frequentar a escola da aldeia, acessando uma educação com currículo diferenciado, que busca respeitar os aspectos culturais deste povo, os professores são indígenas da aldeia.



roteiro de entrevistas, que objetivou trazer elementos relevantes para responder meu problema de pesquisa. Este roteiro foi discutido com o orientador e aplicado, em fase de teste, a quatro indivíduos.

As questões da entrevista foram construídas a partir da pesquisa bibliográfica e observação participante, que trouxeram informações acerca do calendário⁵ do povo Akwẽ-Xerente, que garante uma variedade de situações, como: festividades, rituais, comemorações e a rotina, assegurando desta forma, uma maior variedade de informações com relação às práticas culturais deste povo. Após a aplicação dos roteiros na fase de teste, foi realizado alguns ajustes e conclui a elaboração do instrumento a ser utilizado na entrevista.

As experiências metodológicas propostas objetivam, como destaca Magnani (2002), uma possibilidade de o pesquisador entrar em contato com o universo dos pesquisados, compartilhar o seu horizonte e, em uma relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim construir um modelo novo de entendimento ou, ao menos, identificar uma pista nova, não prevista anteriormente.

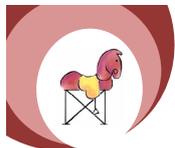
O MODO DE VIDA AKWË-XERENTE: um olhar a partir da lente do lazer

A aldeia Salto, território específico deste estudo, revela as realidades apresentadas até o momento. Trata-se de uma aldeia singular, pois mantém a disposição das casas de alvenaria seguindo o modelo antigo de aldeia arqueada⁶. Os mais de 350 indígenas que vivem neste lugar falam a língua Akwẽ-Xerente, organizam-se socialmente e politicamente por meio dos clãs e representam essa divisão por meio da pintura corporal.

A aldeia Salto tem uma escola (que emprega diretor, professores e assistentes) e um posto de saúde (que emprega um agente de saúde), os indígenas encontram na confecção de artesanato de palha de buriti e capim dourado sua atividade cotidiana, fazem cestarias, bijuterias, esteiras e adereços;

⁵ Calendário Akwe-Xerente foi construído baseado na tradição, de acordo com as estações do ano (inverno e verão), com os períodos de plantio e colheita e as festas.

⁶ Oliveira-Reis (2001) esteve na aldeia Salto entre junho de 1998 e julho de 1999, o que o permitiu relatar aspectos importantes desta aldeia, em específico.



trabalham na roça com a plantação de mandioca, abóbora, batata doce e fazem farinha. Gostam muito de futebol e mantém suas práticas culturais tradicionais preservadas por meio do Dasipê, a festa cultural indígena Akwẽ, que geralmente ocorre no verão, entre os meses de abril e julho.

Seguindo o fluxo da história do Akwẽ-Xerente da aldeia Salto, busco identificar aspectos de seu modo de vida que se aproximam dos estudos do lazer. A presença em campo objetivou conhecer as práticas culturais do indígena contemporâneo, que é formado tanto pelo fortalecimento da tradição Akwẽ-Xerente como pelo contato interétnico.

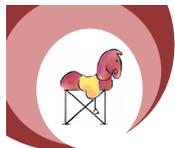
A centralidade do presente estudo é trazer os saberes dos indígenas revelados por meio do modo de vida do povo Akwẽ-Xerente, em meio aos sentidos que vão se construindo na compreensão desse universo cultural.

Lewi-Strauss (2012) traz contribuições para este estudo, para ele há uma necessidade da pesquisa restringir-se a uma pequena região, com fronteiras definidas, e as comparações não poderão ser estendidas para além da área escolhida como objeto de estudo. Com este cuidado delimitador, apresentamos e analisamos as práticas culturais do indígena Akwẽ-Xerente que habita na aldeia Salto.

A abordagem ecológica da experiência cultural proposta pelo antropólogo Tim Ingold (2000) traz contribuições fundamentais para entender a importância da vida cotidiana do indígena Akwẽ-Xerente, na compreensão, permanência ou transformações de suas práticas culturais. A vida cotidiana, a partir do ponto de vista proposto por este antropólogo, é um universo social privilegiado a ser explorado.

O estudo das práticas culturais Akwẽ-Xerente remete-nos a considerar o comportamento do indivíduo frente aos estímulos contemporâneos e suas possibilidades de resistência e fortalecimento das práticas culturais. Adentrar o universo indígena, reconhecendo o tempo, o espaço e a atitude em relação à construção cotidiana pode trazer contribuições para os estudos do lazer e os estudos interétnicos e interculturais.

Apresento o processo de aproximação e envolvimento com o povo Akwẽ-Xerente, com base nas reflexões de Ingold (2012), ou seja, aproximamos da vida cotidiana Akwẽ-Xerente tendo como referência que a produção do conhecimento e sua transmissão são indissociáveis dos sujeitos no mundo e da sua ação criativa no presente; é imprescindível observar a vida e



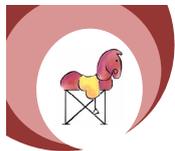
seus fluxos e linhas, que ganham forma nos materiais que nos constituem a todos que fazemos parte do ambiente-mundo; é importante partir sempre da simetria que aproxima os seres humanos e não-humanos, ou seja, todos aqueles que partilham da mesma atmosfera ou que habitam o mesmo mundo-ambiente e, finalmente, de tudo o que observo e apreendo: o que se aproxima dos estudos do Lazer?

As tarefas de observar e descrever o modo contínuo da vida Akwẽ-Xerente favorece a captação de aspectos da existência, que para ser entendida na sua completude deve ser enxergada como humana, biológica e cultural, em seu tempo atual e passado, buscando entender a existência Akwẽ-Xerente.

[...] importante tomar cultura em seus múltiplos aspectos, uma vez que, seja qual for a sua natureza, para ser conhecida, vivida e perpetuada, tem de ser objetivada ou materializada, isto é, exteriorizada. Isso porque, somente assim ela pode ser percebida e perpetuada. Dizemos isso para lembrar ao leitor que a cultura, embora seja, em última análise, obra do homem e exista para o homem, ela é uma tarefa social e não individual; ela é o conjunto de experiências vividas pelo homem através de mais de um milhão de anos de existência (MELLO, 2009, p. 42).

Deste "acervo pessoal" de escritos do caderno de campo, imagens mentais e afetivas, registros e análises das entrevistas, revelamos para este trabalho o que nos interessa discutir: as práticas culturais do povo Akwẽ-Xerente que possibilitam aproximações com os Estudos do Lazer.





Fotografia 1 – O pátio da aldeia

Foto: Autoria Própria

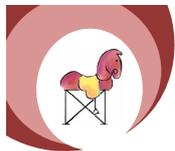
Há um questionamento se as relações estabelecidas com a natureza e o território têm vínculo com essa utilização do tempo e com as possibilidades de lazer, pois quem joga, lava a roupa, faz artesanato, estão todos ouvindo a música e, de forma “visual”, se veem. As pessoas interagem umas com as outras de alguma forma, pois não há muros. Quem joga está vendo quem lava roupa ou faz artesanato e a recíproca também ocorre.

Desta maneira, as análises que seguem são uma parte do todo, do modo de vida Akwẽ-Xerente, observado por meio da lente que, neste momento, fez chegar até esse povo e ainda por chaves de discussão que permitem organizar os conhecimentos observados, vividos, analisados e que serão aqui interpretados. As reflexões construídas sobre esse modo de vida serão desveladas por meio das relações entre territorialidade e alteridade; territorialidade e temporalidade e territorialidade e sustentabilidade.

Territorialidade, alteridade, temporalidade e lazer

A forma de habitar do povo Akwẽ-Xerente traz possibilidades de aproximação entre o tempo de obrigação e o tempo de lazer. Neste modo de viver há uma carga histórica de relação e comprometimento com o meio em que vivem, o lugar onde residem e de onde tentam retirar recursos naturais de forma inteligente para a manutenção das futuras gerações. Conclui-se que a territorialidade constitui-se na forma como este povo se comunica com as formas de vida que lhe rodeiam e estas relações consolidam a consciência de pertencimento a este lugar, à aldeia Salto, ao Território Indígena Xerente.

A fala acima traz uma reflexão sobre a relação entre território e cultura que se aproxima das afirmações de Santos (1996, p.114), ao destacar que uma sociedade reivindica ao se apoderar de um território é o acesso, o uso e o controle, desde as realidades visíveis aos poderes invisíveis que o compõem e que parece partilhar o domínio das condições de reprodução de



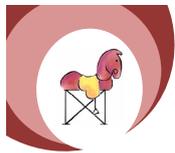
vida dos homens, tanto a deles própria quando a dos recursos dos quais eles dependem.

Perpassa por esse modo de vida, por essa forma habitar do povo Akwẽ-Xerente, a noção de sustentabilidade ecológica e cultural, estabelecida por Sachs (1993). Essa noção considera que sustentabilidade ecológica é a possibilidade de propor novas formas de relacionamento entre o consumo humano e os recursos naturais, sendo que a sustentabilidade cultural é a possibilidade de valorização de formas diversas de relação entre ser humano, natureza e diversidades culturais, mediada pela etnociência. Nos estudos de Bahia e Sampaio (2005) há indicação de aprofundamento neste caminho, de uma necessidade da atualidade de viver e compreender as relações e do estabelecimento de um novo paradigma sobre as questões do meio ambiente:

A problemática ambiental, mais que uma crise ambiental, é um questionamento do pensamento e do entendimento sobre os valores vividos na atualidade e as relações estabelecidas na sociedade capitalista no que se refere à busca de um desenvolvimento pautado na lógica da dominação da natureza e dos recursos naturais. (BAHIA; SAMPAIO, 2005, p. 161).

A sociedade não indígena, por conta das demandas estabelecidas por sua forma de viver, de produzir e consumir, constrói um modo de habitar diferente dos povos indígenas, enquanto para a primeira há uma necessidade humana de dominação da natureza e dos recursos naturais; para a segunda, é necessária uma possibilidade de comunhão e unidade entre homem, natureza e recursos naturais.

A divisão entre o ambiente humano e o contexto dos demais seres que habitam o mundo, estabelecida como a priori da própria antropologia, se desfaz na perspectiva de Ingold. A concepção semiótica da cultura como um sistema simbólico e uma teia de significados, tecida pelos próprios humanos e que os mantém suspensos num espaço imaginário que paira sobre o mundo natural dos objetos e organismos biológicos, perde sua consistência e plausibilidade no horizonte de uma antropologia dos materiais.[...] não se trata de apropriar-se do ambiente pela mediação da cultura, incorporando-o na nossa teia de significados



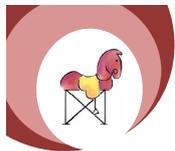
humanos, mas de reconhecer a singularidade das perspectivas dos diversos organismos no seu habitar o mundo [...] Ingold vai postular uma simetria absoluta. (STEIL; CARVALHO, 2012, pp. 43-44).

Pensar sobre territorialidade, alteridade e temporalidade permite dizer da relação "invisível" do habitar do povo Akwẽ-Xerente, que se consolida para além da materialidade que conseguimos tocar, observar ou descrever; consolida-se na cosmologia das histórias sobre a origem, das lembranças do corpo vivido, dos sentimentos e emoções vinculados às paisagens daquele lugar específico. São habitantes que vivem na terra e não sobre ela (Ingold, 2015).

Desta maneira, este estudo diz da territorialidade, alteridade, temporalidade e sustentabilidade de vínculos materiais e imateriais que a cosmologia Akwẽ-Xerente é capaz de revelar. Little (2002) analisa que outro elemento fundamental dos territórios sociais é encontrado nos vínculos sociais, simbólicos e rituais que os diversos grupos sociais diferenciados mantêm com seus respectivos ambientes biofísicos.

A noção de pertencimento a um lugar agrupa tanto os povos indígenas de uma área imemorial quanto os grupos que surgiram historicamente numa área através de processos de etnogênese e, portanto, contam que esse lugar representa seu verdadeiro e único território (Little, 2002). Este território traz a possibilidade de habitar práticas culturais de lazer que demonstram uma perspectiva de relação com todo esse processo construído de territorialidade, alteridade, temporalidade e sustentabilidade.

O habitar do povo Akwẽ-Xerente possibilita o emergir de práticas culturais que trazem elementos que nos dizem da possibilidade de uma relação com o lugar onde vivem os indígenas, onde podem ser como são, pintar seus corpos, cantar seus cantos e dançar pela noite, em comemorações ou rituais. O que se apresenta neste modo de vida é uma possibilidade de interação entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade cultural e os estudos do lazer.

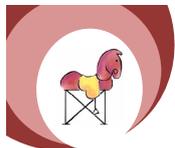


Fotografia 4: O banho no rio

Fonte: Autoria própria

Ao observar crianças Akwẽ-Xerente no rio, vejo-as brincar e percebo a interação destas com o ambiente, com aquele escorregador que a natureza oferece, que é feito no barranco e com terra batida e bem lisa por conta da água e das tantas descidas que as crianças realizam. E o rio faz parte da vida indígena, um modo de viver que tem a natureza encarnada na vida, e os jeitos e sorrisos lançados ao vento estão em harmonia com o cantar dos pássaros, com a índia que lava suas roupas e com os olhos brincantes que observam tudo ao seu redor, inclusive seus filhos, sobrinhos e, por que não dizer, "parentes" brincando. E as crianças brincando não deixam de ser tocadas por aquela indígena que lava suas roupas na beira do ribeirão, todos - árvores, rio, borboletas, peixes, passarinhos, insetos, crianças e mulher indígena - se educam e se cuidam mutuamente nesse processo. O rio revela a complexa relação de unidade entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e prática cultural de lazer. (Notas do Caderno de Campo - O rio revela)

As passagens acima evidenciadas apresentam como as práticas culturais são desenvolvidas na vida cotidiana. Há nestas passagens elementos comuns, que são: práticas culturais específicas do povo Akwẽ-Xerente (a pintura, o canto, as brincadeiras, o berarubu, a corrida de tora, a corrida de flecha, o KraKau e o banho no rio); a relação com a comunidade - as práticas culturais são para todos os "parentes", crianças, jovens, adultos e idosos, sendo ressaltado, inclusive, a intergeracionalidade nas atividades e, por fim, a questão da territorialidade e da temporalidade, pois as práticas culturais



destacadas acontecem dentro de um território e tempo específico.

Ao considerar a perspectiva de temporalidade do ser humano e que o lazer compõe esse processo, observo que a aldeia Salto é um lugar onde há possibilidade de crianças, jovens, adultos e idosos se juntarem para organizar um almoço juntos, uns preparando a comida, outros cavando buracos, pegando gravetos para queimar ou ainda folhas de bananeira e outros ficam por ali, em volta, olhando, rindo e brincando com este acontecimento. Há um processo alteritário que se reafirma através das práticas culturais.

Os saberes sobre essa forma de habitar são construídos socialmente desde a infância, em um processo que Lave e Wenger (2003) denominam de aprendizagem situada na prática, que traz a perspectiva de que a aprendizagem é um aspecto central e inseparável da prática social. Na aldeia Salto, as crianças aprendem as práticas culturais através da participação na vida social, a criança indígena tem liberdade para transitar nos diversos espaços e tempos da aldeia, olhando, experimentando, trocando e aprendendo a se constituir um Akwẽ-Xerente.

No conceito de atividade situada [...] assumimos as dimensões de uma perspectiva teórica geral, os fundamentos básicos a respeito do caráter relacional do conhecimento e da aprendizagem, acerca do caráter negociado do significado e da natureza interessada (comprometida) da aprendizagem como atividade para gente envolvida. Tal perspectiva significou que não há atividade que não esteja situada. Ela implicou uma ênfase no entendimento compreensivo que envolveu a pessoa como totalidade, em atividade com o mundo; e em ver que agente, atividade e mundo se constituem mutuamente. (LAVE; WENGER, 2003, p. 6) (tradução feita por mim)



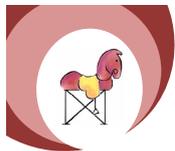


Figura 5: Aprendo olhando

Foto: Autoria Própria

Ao analisar as práticas da vida cotidiana, observamos que a participação no coletivo auxilia o processo de aprendizagem do Akwẽ-Xerente, visto que ela pode ocorrer no tempo, fenômeno difuso e onipresente. Os indígenas aprendem constantemente, com seus pares, no envolvimento com o ambiente desde a infância são estimulados ao aprendizado através das práticas da vida cotidiana, que revelam processos identitários.

É olhando e praticando que se aprende; de forma simples e direta, os indígenas expõem como o povo Akwẽ-Xerente desenvolve o uso do corpo. Mauss (2003) diz do valor crucial para as ciências de um estudo sobre o modo como cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo.

É por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime a sua marca nos indivíduos: Exercitam as crianças a ... dominar reflexos inibem-se medos ... selecionam-se paragens e movimentos. Esta procura da projecção do social sobre o individual deve remexer o mais profundamente possível usos e condutas; neste domínio, nada há de fútil, nada de gratuito, nada de supérfluo. (MAUSS, 2003, p. 11).

A ludicidade envolve o aprender na prática da criança Akwẽ-Xerente. Ao transitar no seu território e nos espaços sociais desse território, as crianças exploram as possibilidades de ser criança e de aprender a ser uma criança Akwẽ-Xerente. O solo em que vivem é espaço do brincar e do aprender. Pude



observar uma prática cultural do povo Akwẽ-Xerente e posso dizer que muito se aproxima de uma prática cultural de lazer.

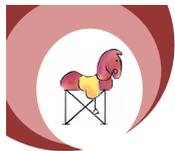
No mês de novembro de 2016, após dois dias de muita chuva, o sol saiu forte no céu azul da aldeia Salto, enquanto caminhava em direção à casa de um ancião, pude perceber que as crianças da aldeia estavam no meio do mato, tive a sensação de que nenhuma tinha ficado dentro de casa ou no pátio da aldeia. Pude vê-las entre as árvores do cerrado, correndo, sorrindo, com gritos de alegria. Diminuí meu passo e percebi, olhando com mais atenção que elas pulavam, insistentemente pulavam e riam, de repente, coçavam os pés...muito alegres...num momento de muita diversão. Vi crianças de diferentes idades, os pequeninos estavam no colo dos maiores e todos espalhados no meio do mato, entre as árvores, pulavam alegremente. Com mais atenção vi, então, que seguravam em suas mãos garrafas pet ou latinhas de plástico, fiquei curiosa para entender o que se passava ali. Uma intensa relação entre o ambiente, o Akwẽ-Xerente e a ludicidade, se apresentava naquele cenário. (Notas do caderno de Campo – Caça as Tanajuras)

O que parecia uma brincadeira de pega-pega, de esconde – esconde, de pula-pula, tinha algo específico que eu não compreendia, uma prática cultural akwê. Encantou-me poder participar de um momento único do modo de habitar deste povo, presenciar o quanto as crianças se divertem com toda essa caçada, cheia de pulos, sorrisos, correria, coceiras das picadas das formigas menores, enfim, uma prática cultural prazerosa da cultura Akwẽ-Xerente.



Fotografia 6 - Caça às tanajuras

Fonte: Autorial própria



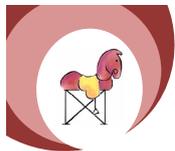
Perguntei a minha anfitriã o que estava acontecendo, o porquê de tantas crianças espalhadas pulando com aquelas garrafas e latas na mão. Ela me explicou que: isso só acontece uma vez no ano, após as primeiras chuvas fortes, quando o sol aparece as crianças saem para o mato, em busca das tanajuras (Krenti na língua akwê). Depois de capturar as tanajuras elas fritam e/ou fazem paçoca para comer, garantiu ser muito saboroso, eu acreditei.

Fiquei por um longo tempo observando melhor esse fantástico acontecimento, tentando capturar o máximo de impressões, saboreando os sons dos sorrisos, as imagens das crianças pulando sob a casa das formigas e então as formigas gigantes e pequenas saindo de suas casas, sendo capturadas pelas crianças e colocadas nas garrafas e latas. Formigas pequeninas correndo e picando os pés e mãos das crianças, que riam, se coçavam e recomeçavam a pular e pular em busca de mais tanajuras. As crianças pequenas, que estavam no colo, participavam de toda essa caçada, por vezes choravam, por vezes riam e, com certeza curiosas, estavam aprendendo na prática como se caçam tanajuras depois da chuva forte. (Notas de Campo- Caça as tanajuras)

As crianças passam horas e horas nesta caçada às tanajuras, pude, inclusive, perceber que algumas crianças já são experientes nesta vivência e conseguem capturar. Importante dizer que os adultos também caçam tanajuras, em espaços mais distantes das casas da aldeia. As crianças têm prioridade neste espaço mais próximo e os adultos adentram mais as matas, acredito que com uma possibilidade prazerosa e lúdica também, pois imaginem: pular, correr, caçar, se coçar deve provocar risadas e sensações únicas para diferentes idades.

Foi muito interessante vê-los brincando tão alegres dentro daquele espaço tão deles, do cerrado cheio de pés de pequi, mangaba, cega machado e tantas outras árvores magrelas que reluziam o seu verde em meio ao capim nativo. A chuva propiciou todo esse cenário de limpeza, encantamento, fertilidade e ludicidade. Crianças Akwê-Xerente, pulando e sorrindo em meio a beleza única do cerrado, compondo uma paisagem única entre ambiente, corpo, percepção e aprendizagem das práticas culturais, revelando a relação entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer.

Após este tempo de contato sistemático, constata-se que há todo um complexo de práticas culturais que se revelam como



modo de vida e de constituição da alteridade Akwẽ-Xerente, a partir da identificação do envolvimento cultural.

E, tomando a ideia de que cada ser habita o mundo e o organiza à sua maneira particular, buscamos um maior aprofundamento nas análises das práticas culturais que se revelam na vida cotidiana do povo Akwẽ-Xerente. Estas práticas acontecem dentro de um *pedaço* do Território Indígena Xerente, esse *pedaço* é nomeado de aldeia Salto e a este lugar aproximamos os estudos do lazer.

Entende-se que práticas culturais são corporificadas de acordo a cosmologia deste povo, desde os rituais de nomeação das crianças, rituais fúnebres, o ensinamento do choro Akwẽ, o ensinamento do discurso, o apadrinhamento das meninas quando nascem, o ritual do casamento Akwẽ, a pintura corporal, o artesanato e, ainda, uma prática que consideramos muito significativa e foi revelada nas respostas das entrevistas, a língua. Quando se buscava dizer das práticas culturais, muitos se remetiam à língua do povo Akwẽ-Xerente, que é determinante na vida cotidiana deste povo.

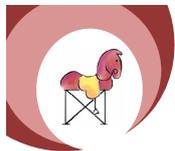
Este povo tem a crença de que se protegem por meio da sua língua e as tantas práticas culturais que envolvem a ludicidade, o encontro com os parentes, o jogo, o brincar, a caça as tanajuras, o banho no rio, a roda do artesanato, que transita entre a liberdade e a obrigação, a corrida de tora, o arco e flecha, as corridas de resistência, o cabo de força e o futebol.

Estas práticas culturais deixam emergir uma temporalidade humana de lazer, que denota promover um outro nível de "conhecimento, desenvolvimento e de aproximação do homem de si próprio, na escuta do que lhe é mais íntimo", (BAPTISTA, 2014, p. 96), constituindo, desta maneira, uma forma específica de habitar o mundo.

As observações, entrevistas e análise do caderno de campo remeteram-nos a priorizar a descrição de práticas culturais que refletiam o que é de mais prazeroso para os Akwẽ-Xerente, que lhes favoreciam o encontro com a experiência lúdica e com o envolvimento com a territorialidade e temporalidade específica deste povo.

Considerações finais

As práticas culturais de lazer analisadas têm uma dimensão social marcante, são referenciadas pelo princípio do prazer lúdico, com a finalidade do bem-estar, são permeadas



pela liberdade e desejo e têm como propósito a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas.

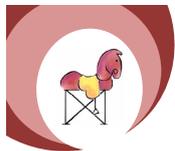
Percebe-se o banho no rio; a realização do Dasipê, dando ênfase para a corrida de tora; a festa de aniversário da aldeia, tendo o futebol como centralidade; a relação com a cidade e, finalmente, o uso das tecnologias (mídias) como práticas culturais de lazer do povo Akwẽ-Xerente da aldeia Salto.

Estas práticas culturais de lazer fazem parte da vida cotidiana e participam da força geradora que define essa cultura. A tessitura deste habitar é composta por um tanto de fios da tradição e outros fios da modernidade, como foi revelado ao longo do trabalho.

O banho de rio traz uma carga cosmológica que é a da limpeza do corpo, logo ao acordar, deixando-o limpo para o dia que se inicia. É o banho de rio que promove o encontro com os pares da sua idade: crianças, que correm, mergulham, jogam água para cima, pulam das ribanceiras e gritam alegres pelo prazer que essa prática proporciona; jovens que se encontram para conversar e contemplar a alegria das crianças e, também, usufruir deste rico *pedaço* que a natureza proporciona e ainda, os adultos, mulheres e homens que vivenciam as experiências que o rio pode trazer.

O banho de rio possibilitou-me uma aproximação interessante do modo de habitar do povo Akwẽ-Xerente, pois, depois de alguns dias de espera, fui convidada a frequentar esse lugar e pude entender que era preciso estabelecer previamente uma relação de confiança com os sujeitos, para ter a permissão de observar *de perto e de dentro* o lugar que para este indígena tem um valor especial.

No rio, pude estreitar laços de convivência com as crianças, que começaram a me convidar para brincar com elas, começaram a jogar água em mim, rindo e falando apenas a língua Akwẽ-Xerente. Entendi que este era o convite, feito da forma mais lúdica que existe em um ambiente onde tenha água. Brinquei, por diversas vezes, com meninos e meninas que passaram a demonstrar mais confiança em relação à minha presença na aldeia. O banho no rio proporciona para os adultos momentos de descontração e conversa, é neste lugar, entre mergulhos e lavagem de roupas, que as mulheres dividem umas com as outras o seu dia a dia.



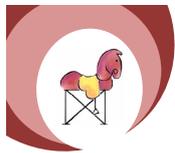
“No lugar do mundo material, povoado por objetos sólidos, os nossos olhos se abrem para um mundo de materiais, incluindo a terra, o ar e a água” (INGOLD, 2015, p. 44). O banho no rio revela a unidade entre o indígena e o seu ambiente, esta prática cultural de lazer ressalta o quanto a territorialidade lhe compõe e intensifica sua existência. Há uma unidade entre o indígena, as águas cristalinas e a mata que os envolve, e esta unidade intensifica o ser indígena Akwẽ-Xerente.

Pensamos o banho de rio, assim como a festa cultural *Dasipê*, como mediadores da experiência do indígena com o seu ambiente. Os dias de planejamento e acontecimento do *Dasipê* apresentam todo o envolvimento que os indígenas da aldeia Salto têm com a cosmologia Akwẽ-Xerente. Há toda uma preparação para que se possa garantir o máximo de experiências específicas deste povo. Sendo uma semana, quinze dias ou um mês, é determinada para esse tempo uma imersão nas práticas culturais tradicionais, que são reconhecidas como importantes para o povo e, por isso, devem ser fortalecidas.

A corrida de tora, que acontece no *Dasipê*, é para os indígenas uma experiência única, que representa a identidade e a alteridade do povo. Sendo a corrida individual ou em grupo, de crianças, jovens ou adultos, os indígenas participantes ou expectadores se divertem, vivenciando todo o processo lúdico desta prática cultural de lazer específica deste povo indígena, um momento de celebração e fortalecimento da cultura.

Ingold (2015) usa o termo peregrinar para descrever a experiência corporificada do movimento de perambulação. A peregrinação do povo Akwẽ-Xerente deixa trilhas que são compartilhadas nos encontros com outros povos, indígenas ou não. Nestes encontros, linhas vitais vão sendo entrelaçadas. “Cada entrelaçamento é um nó, e quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó” (INGOLD, 2015, p. 219). Como destaca a liderança:

Corpo, ambiente e envolvimento revelam o lazer e a vida em processos contínuos. As relações construídas pelas práticas culturais de lazer trazem relações de poder, de convivência, debates e lutas, que envolvem processos identitários. O povo Akwẽ-Xerente produz as práticas culturais de lazer ao mesmo tempo em que são produzidos por elas. E, neste caminho de peregrinação e produção, o tradicional e o moderno vão sendo afirmados ou negados, de acordo com o movimento de encontro das linhas vitais e entrelaçamento dos nós.



Referências Bibliográficas

BAHIA, Mirleide C.; SAMPAIO, Tânia M. V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 79-92, abr. 2005.

BAPTISTA, Maria Manoel. Estudos de ócio e leisure studies – o atual debate filosófico, político e cultural. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p.20-30, jan./abr. 2016.

BARROSO, Lídia Soraya Liberato. **Âzê Sicutōri para não esquecer : a oralidade e o conhecimento da escrita**. Fortaleza, 2009. Tese (Doutorado). Faculdade Federal do Ceará. Programa de Pós – Graduação em Educação Brasileira – Ceará.

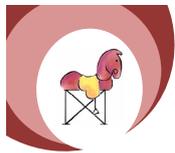
BARROSO, Lídia Soraya Liberato. **Formação de Gestores Indígenas, Povos Indígenas: Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**, UFT, Palmas, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

INGOLD, Tim. **What is an Animal?** Londres, Unwin Hyman, 1988.

INGOLD, Tim. **Humanity and animality**. In: INGOLD, T. Ed.. Companion encyclopedia of anthropology. London: Routledge, 1994.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.



INGOLD, Tim. Pare, olhe e escute. Tradução de Ligia Maria Venturini et al. **Revista Ponto Urbe**, Ano 2, Versão 3.0, 2008.

INGOLD, Tim. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem**. In.: STEIL, Carlos Alberto e CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Cultura, Percepção e Ambiente: diálogos com Tim Ingold**. Editora Terceiro Nome: São Paulo, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Trad. De Fábio Creder. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

LAVE, Jean, WENGER, Etienne. **Aprendizaje Situado: participación periférica legítima**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

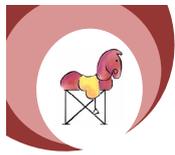
LÉVI- STRAUSS, Claude. A crise moderna da Antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 10, nº1 e 2, USP, São Paulo, 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. O processo de conquista do território dos Akwe-Xerente no estado do Tocantins. **Agrária (São Paulo. Online)**, n. 19, p. 61-85, 2013.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. **Os Akwẽ-Xerente no Tocantins: território indígena e as questões socioambientais**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia 322. Universidade de Brasília, 2002.



MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, vol. 17, n. 49. São Paulo. jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo. **O Direito Social ao Lazer no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados**, p. 07-22, 2015.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MELO, Valeria Moreira Coelho de. **O movimento do mundo: Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akwê-Xerente**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2016.

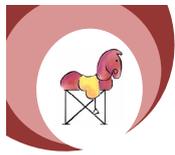
MAYBURY-LEWIS, David. **Akwẽ savante society**. Oxford, Clarendon Press, 1965. Trad. brasileira: Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984.

NIMUENDAJU, Curt. **The Serent**. Los Angeles: Publications of the Frederick Webb Hodge, Vol. IV, 1942.

OLIVEIRA-REIS, Francisco Carlos. **Aspectos do contato e formas socioculturais da sociedade Akwẽ-Xerente (Jê)**. Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília, 2001.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**. In: **BURSZTYN, M. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993. pp. 29-56.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.



ATHLOS. Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte

International Journal of Social Sciences of Physical Activity, Game and Sport

Vol XIV- Año VII

Enero 2018

STEIL, Carlos Alberto e CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.
Cultura, Percepção e Ambiente: diálogos com Tim Ingold.
São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MUSEO DEL JUEGO